

Pesquisa qualitativa ou qualidade em pesquisa? Um exemplo de contribuição sócio-humanista em pesquisa contábil

Sandra Maria Cerqueira da Silva

Universidade Estadual Feira Santana
Faculdade Anísio Teixeira
eMail: mestsandra@gmail.com
BR 116, Km 03 – UEFS – III Módulo
Telefone: +55 75 32248166– Ramal: 8049
Novo Horizonte
Caixa-postal: 252294
44031-460, Feira de Santana, BA

Silvia Pereira de Castro Casa Nova

Universidade de São Paulo
eMail: silvianova@usp.br
SkypeID: silvia_casa_nova
Telefone: +55 11 3091-5820 – Ramal: 132
Av. Prof. Luciano Gualberto, 908 (214 – FEA 3)
05508-010, São Paulo, SP

Resumo

Flick (2009) afirma que abordagens qualitativas de pesquisa têm vivido um período de crescimento e diversificação inéditos, tornando-se uma proposta de pesquisa consolidada e respeitada em diversas disciplinas e contextos. Um dos paradigmas de pesquisa alinhado com as abordagens qualitativas é o pós-estruturalismo, que entende a realidade como uma construção social e subjetiva, propondo uma desconstrução de textos entendidos como uma decomposição dos elementos da escrita, para descobrir as partes que estejam dissimuladas e que impeçam a alteração de condutas. Haynes (2010) aponta a história oral, apoiadas em entrevistas em profundidade, como uma excelente fonte para construção de evidências, sendo particularmente rica e poderosa para explorar a experiência daquelas que foram marginalizadas, silenciadas ou ignoradas no contexto contábil. Para reposicionar a relevância que abordagens qualitativas de pesquisa têm ganhado na contabilidade apresentaremos um exemplo de uma pesquisa desenvolvida a partir de histórias orais de acadêmicas brasileiras. A pesquisa em tela busca auxiliar na tarefa de identificar se existe alguma diferença na forma como as mulheres contabilistas exercem sua profissão e performam seu gênero diante da perspectiva da maternidade, analisando a relação entre o corpo, a autoimagem e os requisitos de apresentação para as mulheres profissionais de contabilidade. Haynes (2008) argumenta como o corpo se torna um veículo para a exibição de conformidade – ou, na verdade, não-conformidade – às normas sociais, o que afeta as práticas incorporadas, emoções e identidades. Para Lehman (2012), políticas econômicas e sociais estão intimamente atadas, portanto, a necessidade de modificar a condição da mulher – e similarmente, de mudar as perspectivas sobre sua contribuição para a contabilidade, como o desenvolvimento de métodos que deem visibilidade, adotando novos conceitos que revelem aspectos que têm sido silenciados como conceitos de valor, valorização ou valoração do trabalho, risco e poder. Essa pesquisa se desenvolve com suporte de uma extensa narrativa da história oral de três mulheres contabilistas que são também mães. Esse *corpus* foi reunido durante um período de dois anos. Adicionalmente, nós, as autoras, refletimos igualmente sobre as nossas experiências como profissionais e acadêmicas contábeis. Então, a partir desta reflexão esperamos que possam ser (re)vistas as formas de percepção destas e demandas sobre estas mulheres profissionais, bem

como, novas formas de autoexpressão e empoderamento para as mulheres em geral. O valor deste estudo está na possibilidade de identificação de oportunidades futuras de pesquisa qualitativas em contabilidade, especificamente em torno da contabilidade de gênero.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa, História oral, Corpo em organizações, Questões de gênero, Geração e contabilidade.

**Qualitative research or research quality?
An example of a social-humanist contribution in Accounting Research**

Abstract

Flick (2009) affirms that qualitative research approaches have experienced a period of unprecedented growth and diversification, becoming a consolidated and respected research perspective in several disciplines and contexts. One of the research paradigms aligned with qualitative research approaches is post-structuralism, which understands reality as a social and subjective construction, proposing a deconstruction of “narratives”, understood as a decomposition of the elements of writing, to discover the parts that are hidden and that prevent changing of habits. Haynes (2010) points that oral history, supported by in-depth interviews, as an excellent source of evidence-building, being particularly rich and powerful in exploring experiences of those who have been marginalized, silenced and ignored in the accounting con(text). To resituate the relevance that qualitative research approaches have gained in accounting, we present an example of a research developed through oral histories of female accounting scholars. This research analyses the relationship between body, self-image and requisites of presentation for professional women in accounting. It explores their understanding of professional identity and what happens when certain kinds of professional work organization impose themselves over the concretization of other gender forms, as for example in the experience of pregnancy and maternity. We pose that those forms of concretization can be seen as mechanisms of social control. Haynes (2008) discusses how the body becomes a means for the exhibition of conformity - or, in truth, of non-conformity - to social rules, which affects the incorporated practices, the emotions and the identities. Thus, emerges the importance of discussing the effect of any alteration in the way those professionals construct their perception of identity and, finally, to list some implications of that to the reconfiguration of accounting and of the maternal body. For Lehman (2012), economic and social policies are intimately tied, thus the need for changing women’s condition - and, similarly, to change perspectives about contributions to accounting, such as the development of methods which give visibility, adopting new concepts to reveal issues that have been silenced such as concepts of values; the valuing of work; risk; and power. This article develops itself upon the extensive narrative of the orally told stories of four women who are not only accounting professionals but are also mothers. This corpus reunited during a two-year period. Furthermore, we also reflect upon our own experiences as accounting professionals and accounting scholars. Thus, based on this reflection, we hope that significant revisions may be made on the forms of perception and demands placed upon those women, as well as allowing new forms of self-expression and empowerment. Institutions and countries will be better places to work and live in if they have a more representative presence of women in all organizational levels and in all stances of life, which implies in being attentive and valuing different social representations. The value of this research resides in the possibility of identifying future research opportunities related to accounting for gender.

Keywords: Qualitative research, Oral history, Body in organizations, gender issues, pregnancy and accounting.

Contribuições das abordagens qualitativas na pesquisa contábil

A abordagem de pesquisa qualitativa é uma opção que nos instrumenta, como pesquisadoras, a identificar as necessidades, as perspectivas ou as preocupações das pessoas pesquisadas. Portanto, é uma abordagem que possibilita o foco no sujeito, ou seja, coloca o sujeito como foco, um sujeito que constrói significados (*meaning makers*). Assim, a pesquisa qualitativa possibilita conhecer sentimentos, comportamentos, pensamentos e intenções das pessoas pesquisadas. Silva (2016), em concordância com Silverman (2009) avalia que a pesquisa qualitativa é estruturada de modo a possibilitar a obtenção de resultados que expressem sutilezas não verificadas por meio, por exemplo, de questionários fechados (*survey*). Os autores elencam, como instrumentos de levantamento de dados, entrevista em profundidade, entrevista por telefone e grupos focais, entre outras possibilidades de aquisição do *corpus* de pesquisa. No caso desta pesquisa, foram realizadas entrevistas em profundidade.

Um dos paradigmas de pesquisa alinhado com as abordagens qualitativas é o pós-estruturalista. O pós-estruturalismo entende a realidade como uma construção social e subjetiva. Essa forma de paradigma propõe uma desconstrução de textos, entendidos como uma decomposição dos elementos da escrita, para descobrir as partes que estejam dissimuladas e que impedem a alteração de condutas. No paradigma pós-estruturalista, conforme menciona Silva (2016), a contabilidade é entendida como uma linguagem.

Haynes (2010) aponta as entrevistas de história oral como uma excelente fonte para construção de evidências. Para a autora, a história oral é particularmente adequada para explorar a experiência daquelas que foram marginalizadas, silenciadas ou ignoradas no contexto contábil. Esse método tem o potencial de trazer à tona dados poderosos e ricos, uma vez que se espera que as participantes experimentem pouco ou nenhum estresse em suas narrativas, o que pode revelar mais do seu significado para os indivíduos, para além dos eventos objetivos. Para tanto, traz à tona evocações profundas de emoção, memória e identidade, que as entrevistas mais estruturadas e fontes documentais formais, pela própria forma de sistematização podem não conseguir descobrir, no sentido de trazer à tona.

A história oral, como método de pesquisa, entende que o discurso das entrevistadas, captado por entrevistas em profundidade, depois de gravado e formulado em um relato escrito, se consolida no *corpus* da pesquisa. Assim, os conteúdos de entrevistas transcritos tornam possível dar o tratamento do *corpus*, ou seja, permitem a análise dos discursos a partir dos textos resultantes. Igualmente, permitem a confrontação dos textos reconstituídos com a história de vida das pesquisadoras que, então, participariam de uma interlocução com as entrevistadas.

As abordagens qualitativas de pesquisa têm ganhado novos contornos, especificamente na contabilidade, onde abre para possibilidade de diferentes olhares de um mesmo fato ou para possibilidade de investigar questões esquecidas ou invisibilizadas. Para tanto elegemos, para exemplificação, uma pesquisa desenvolvida a partir de histórias orais de acadêmicas brasileiras. A pesquisa em tela busca auxiliar na tarefa de identificar se existe alguma diferença na forma como as mulheres contabilistas exercem sua profissão e performam seu gênero diante da perspectiva da maternidade.

Tratando dessa questão central, o artigo está estruturado da seguinte forma: em primeiro lugar é desenvolvida uma discussão sobre como, dentro da literatura sobre profissionalização, conforme aponta Haynes (2008), em grande parte não se consegue analisar os efeitos do gênero na concretização e socialização de profissionais de contabilidade.

A seguir, o artigo se desenha a partir da extensa narrativa da história oral de mulheres

contabilistas que são também mães. Além disso, nós, as autoras, também refletimos sobre nossas próprias experiências de concretização enquanto profissionais e acadêmicas em contabilidade. Examinamos as nossas experiências e dessas mulheres em re-conceitualizar o sentido de autoimagem no processo de renegociação corporal para se conformar com as normas contábeis profissionais, especificamente durante a gravidez e com a maternidade.

Como considerações finais a partir das evidências reunidas podemos afirmar que, nas condições atuais, o “ser mãe” e o “ser contadora” interagem, trazendo potenciais pontos de confrontos e conflitos. A Teoria da Reprodução Social de Bourdieu (1984) ajuda a explicar o material empírico quando avaliamos o processo de aprender a encarnar a autoimagem da construção social da identidade da profissional contábil. Para Haynes (2008), o corpo se torna um veículo para a exibição de conformidade – ou, na verdade, da não - conformidade – às normas sociais, o que afeta as práticas incorporadas, as emoções e construção das identidades. Daí a relevância de discutir o efeito da alteração na forma de realização das percepções de identidade destas profissionais e, finalmente, de elencar algumas implicações para a reconfiguração de contabilidade e a visão de corpos maternos.

A Contabilidade dos corpos ou os corpos na Contabilidade?

Ao longo da história da humanidade as pessoas e, sobretudo, as mulheres, sempre foram impelidos a montar adaptações de seus corpos para ‘serem aceitas’. Ou seja, para se adequar aos ditames normativos, sejam estes sociais, culturais, de beleza, de saúde ou, simplesmente, por puro modismo. É relevante observar o amplo interesse no corpo, evidenciado desde as leituras desses mesmos corpos no olhar ‘do outro’, bem como, em todos os instrumentos midiáticos e até normativos. Este processo inclui ações extremas como a construção do corpo ‘ideal’ mediante cirurgia estética ou ‘encomendas do corpo correto’ via engenharia genética. O corpo é central para que se possa identificar a autoidentidade de uma pessoa (Giddens, 1991; Haynes 2008; Shilling, 1993), para avaliar a autoimagem do corpo, como estão ou são internalizadas.

A ‘gestão’ do corpo pode ser altamente problemática para algumas pessoas. E, até mesmo, manter aparentemente pequenas transformações mais simples, com dietas ou a prática de exercícios, pode ser extremamente difícil de conseguir, no caso das mulheres que precisam responder a duplas e até triplas jornadas de trabalho. No entanto, a maioria das pessoas não possui os recursos, condições físicas ou a inclinação para manter, ou reconstruir radicalmente seus corpos, ainda que respondam e/ou sintam o ônus pela ‘gestão’, pela manutenção e pela aparência de seus corpos.

Esta ênfase na apresentação do corpo pode ser observada no campo da Contabilidade. Dale (2001) chama de “o corpo como um objeto” frente à relação entre o corpo humano e o desenvolvimento da teoria social sobre organizações e organizadora sobre esse corpo. Então, é imposto e validado o conhecimento de um tipo universal, nas suas partes e sistemas constituintes, pelo qual o corpo raramente é considerado/criticado explicitamente. Esta forma acaba por moldar concepções historicamente dominantes do corpo.

Para além da literatura médica, o corpo e sua relação com a mente têm sido, e precisam ser, foco para investigação sob diferentes ângulos e dentro do maior número possível de disciplinas. No caso em particular, sob a ótica das teorias organizacionais, conforme afirma Dale (2001, p. 20), com ênfase nas noções de disciplina corporal, “*it has also, more recently, generated interest in these disciplines. Notions of bodily discipline, technologies of the body, mind and body, bodily power relations, and sex differences are of interest in the management, psychology, philosophy and feminist literature*” (ver, por exemplo, Butler, 1990; Foucault, 1977, 1979; Irigaray, 1991). É possível registrar uma amplitude de trabalhos sobre o corpo. No entanto, tem havido muito pouca ênfase no corpo

dentro da literatura contábil.

Para Turner (1991, p. 22), o corpo é um fenômeno socialmente construído, influenciado por forças sociais e culturais, bem como, uma entidade fenomenologicamente viva, por meio da qual é possível experimentarmos nossas vidas cotidianas. Nós, seres humanos, temos corpos que nos permitem ver, ouvir e também servem para o agir, pensar, sentir cheiro e gosto, tanto fisicamente, quanto emocionalmente. O autor complementa que o corpo é um componente integral da agência humana, é uma preocupação central de identidade pessoal e se relaciona com a estrutura e funcionamento das organizações (Turner, 1991, p. 31-33, 67- 68).

Haynes (2008) cita o sociólogo Turner (1991, p. 329) para apontar que a eficácia das pessoas na vida sociocultural reside na agência independente do discurso dos corpos das pessoas. Na mesma página, diz que esta noção – que diz do processo de personificação – enfatiza o corpo vivido, como o sujeito que conhece o mundo pelas percepções corporais, mais do que como um objeto de conhecimento científico.

Esta problemática, conforme Haynes (2008) aponta, fornece base para explicação das diferenças de tratamento entre gêneros, já que “a noção de personalidade de contabilista vem primordialmente por via do corpo” (p. 330). Por este olhar, muitas vezes, o modo como o corpo é avaliado se torna uma forma de discriminação e de reprodução de desigualdades na profissão, visto que o corpo masculino não está sujeito a tantas mutações como no caso das mulheres, em particular em períodos como menstruais, quando ocorrem oscilações hormonais, e na gestação (Haynes, 2008) e, também, na amamentação ou lactação. A autora conclui que, indiferente a isto, as instituições continuam sem explorar a necessidade de mudar práticas e valores. Este estudo segue a percepção de Haynes (2008) quanto ao corpo. Assim, o corpo é tido como um componente integral da agência humana. Isto por crermos que o corpo corresponde a uma preocupação central da identidade pessoal e se relaciona com a estrutura e funcionamento das organizações.

Para Haynes (2008), as experiências das formas de realização das mulheres proporcionam uma base para teorização de desigualdades sociais e da construção da diferença. Essas formas de realização tratam das condições postas e que precisam ser superadas por aquelas mulheres que almejam a realização profissional. Em suas pesquisas, Haynes (2008) considerou o que acontece quando formas de personificação organizacional e profissional, tais como aquelas encontrados na profissão contábil, entram em contato com outras formas de gênero encarnado, como aquelas experimentadas pelas mulheres profissionais da contabilidade durante a gravidez. A gravidez representa um episódio especial, no qual uma mulher tem pouca competência sobre sua aparência e sobre o comportamento do seu corpo, que desmente a convicção ocidental moderna que possuímos nossos próprios corpos e somos capazes de moldá-los de acordo com as determinações sociais (Warren & Brewis, 2004).

Haynes (2008, p. 328) afirma que os “seres humanos sempre tiveram a capacidade de adaptação da apresentação de seus corpos para adequar-se à norma social de cultura, beleza, o ser/estar saudável e *fashion*”. Complementa que, na contemporaneidade, as condições para socialização entre contadores no ambiente da profissionalização fizeram com que a identidade corporal tivesse que se adaptar às regras e a padrões ‘impostos’ (Haynes, 2008, p. 330). Sendo assim, considera as implicações de tais imposições para as mulheres e para os profissionais em termos de justiça social e igualdade.

Enquadramento teórico: “*accounting for bodies*”

Bourdieu (1984) sugere que o corpo se tornou mercantilizado em sociedades modernas e se tornou central para a aquisição da qualidade e de distinção. Logo na introdução de seu livro o psicólogo traz (p. 09):

Há uma economia de bens culturais, mas tem uma lógica específica. A Sociologia esforça-se por estabelecer as condições em que os consumidores de bens culturais, e seu gosto por eles, são produzidos e, ao mesmo tempo, descrevem as diferentes formas de apropriação de tais objetos que são considerados um momento particular como obras de arte, e as condições sociais da constituição do modo de apropriação que é considerado legítimo.

O corpo é uma forma abrangente de capital físico: a posse de poder, *status*, e distintivo simbólico de formas, o que é essencial para a acumulação de vários recursos. Além disso, existe uma inter-relação entre o desenvolvimento do corpo e localização social das pessoas. Assim, o contexto em que a mercantilização da concretização cede lugar influenciará claramente o resultado da apreensão do sentido. Para Shilling (1993), por meio dos processos de mercantilização, as mulheres podem ser incentivadas, mais do que os homens, a desenvolver seus corpos como objetos de percepção para outros.

Bourdieu (1984) reconhece que atos de trabalho são necessários para transformar organismos em entidades sociais e que esses atos influenciam a forma como as pessoas desenvolvem e mantêm a forma física de seus corpos, bem como aprendem a apresentar seus corpos através de estilos de andar, falar e vestir.

Para Kerfoot (1999) existe uma tendência dentro das organizações para ver a competência de um gerente em sua capacidade de exibir o corpo de uma maneira que é culturalmente aceitável ao código corporal da sua organização, em termos de vestuário e de aparência física. No caso das mulheres, de cumprir as exigências de performar, travestindo-se de acordo com o ‘modelo universal’. Ou seja, se aproximar tanto quanto possível do corpo e das formas de exibição tidas como aceitáveis, em geral, com referência no homem.

Isto ocorre, conforme pode ser entendido a partir do que aponta Bourdieu (1984), porque o corpo carrega a marca indiscutível da classe social de um indivíduo por causa de três fatores principais: em primeiro lugar, a localização social, a aprendizagem com base nas circunstâncias materiais que contextualizam a vida diária das pessoas e contribuem para o desenvolvimento de seus corpos; em segundo lugar, *habitus*, um sistema socialmente constituído formado em contextos sociais locais e inculcando uma visão do mundo com base em se reconciliar com estas posições; e, finalmente, escolhas, hora conscientes, noutras horas inconscientes, que se referem aos processos pelos quais indivíduos se apropriam das subjetividades dos sujeitos, por vezes ditas ‘escolhas voluntárias’ e preferências, modos de vida. E, como estes movimentos são realmente enraizados nas limitações materiais, tais que as pessoas desenvolvem preferências dentro dos recursos disponíveis para elas (Shilling, 1993).

A palavra disposição parece particularmente adequada para expressar o que está abrangido pelo conceito de *habitus*. *Habitus* é definido como um sistema de disposições. Isto exprime, em concordância com Bourdieu (1981), pela primeira vez, o resultado de uma ação organizadora, com um significado próximo ao de palavras tais como estrutura. Também designa um modo de ser, um estado habitual, especialmente do corpo e, em particular, uma predisposição, tendência, propensão ou inclinação.

Corpos desenvolvem, pelas inter-relações entre indivíduos, posição social, *habitus* e escolhas, que naturalizam e perpetuam as diferentes relações que os grupos sociais têm para com seus corpos e que são fundamentais para as escolhas que as pessoas fazem em todas as esferas da vida social (Bourdieu, 1981). Assim, pode-se dizer que corpos se desenvolvem de formas de gênero que favorecem a formas de capital físico. Pode-se também dizer que o corpo desempenha um papel complexo no exercício do poder de gênero e no estabelecimento e perpetuação das desigualdades sociais. Funciona, assim, como um dos valores simbólicos ligados às formas corporais. Portanto, tornam-se particularmente importantes para o senso de autoimagem de muitas pessoas.

Stolke (2006) pesquisou sobre a forma como as múltiplas normas morais, sociais, jurídicas e religiosas relativas à sexualidade e às relações entre mulheres e homens interagem

dialeticamente com as desigualdades sócio-políticas. Ou seja, sobre o papel crucial do controle da sexualidade das mulheres. Para a antropóloga:

O Novo Mundo proporciona um exemplo especificamente claro das interações dinâmicas entre as ideias e ideais contemporâneos sobre sexo/gênero, raça/etnicidade e classe social que se refletem nos novos sistemas de identificação, classificação e discriminação social que se forjam na consolidação da sociedade colonial ibero-americana (p. 17).

[...] os modos de classificação e identificação social que estruturam uma sociedade determinam também a forma pela qual sua reprodução social é organizada (p. 26).

Silva (2016) registra que as mulheres ocidentais e, em particular, as mulheres negras são, com frequência, retratadas e tratadas como objeto do olhar masculino. Fenômeno que é explicado pela Teoria da Objetivação e, de acordo com tais estudos, resulta em processos de auto-objetivação. Isto faz com que meninas e mulheres passem a se enxergar como objetos, alvo constante de avaliação associada a padrões de beleza específicos.

Parte significativa dessa leitura de mundo tem a ver com outro processo – o processo de sexualização. Para os pesquisadores desta teoria, os efeitos desse processo de sexualização incluem a insatisfação com sua aparência, a depressão e a baixa autoestima. Com o desenvolvimento do estudo será possível observar que, nas práticas diárias, esses processos de objetificação e de sexualização aparecem nas performances de manutenção. Buscaremos demonstrar o fenômeno da sexualização por meio da Teoria da Performatividade, de Butler (2008, p. 48), pela qual:

... o efeito substantivo do gênero é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero (...) o gênero é sempre um feito [um fazer, um ato] mas, não é obra de um sujeito que existe antes desse fazer [fato, ato]. Não há uma identidade de gênero por trás ou antes destas expressões de gênero, essa identidade é performativamente constituída (p. 48).

A filósofa usa a noção de ato performativo para discutir como o gênero é constituído, em sua visão, por repetição de atos estilizados. Para tanto, parte do conhecido epíteto de Simone de Beauvoir (1908 – 1986) – “Não se nasce mulher, torna-se uma” – como fundamento de sua posição de que gênero que diz respeito a uma realização performativa compelida pela sanção social e pelo tabu. Por essa leitura, o gênero teria uma característica particular: a performatividade. Assim sendo, parte de uma teoria da ação e da influência fenomenológica, que torna o próprio sujeito objeto de seu fazer.

Breve detalhamento da trajetória metodológica

No caso desta pesquisa, a história das pesquisadoras se confunde com a história das pesquisadas. As primeiras alternam-se nos papéis de pesquisadas e pesquisadoras, como mães, feministas, professoras no ensino superior, profissionais e acadêmicas em contabilidade, o que as auxilia na identificação de situações semelhantes às que enfrentaram em suas carreiras.

A pesquisa se estruturou com base na narrativa da história oral de três mulheres contabilistas que são também mães. Esse *corpus* foi reunido ao longo de um período de dois anos. Além disso, nós, as autoras, também refletimos sobre nossas próprias experiências de concretização enquanto profissionais e acadêmicas em contabilidade. Examinamos as nossas experiências e as experiências dessas mulheres em re-conceptualizar o sentido de autoimagem no processo de renegociação corporal para se conformar com as normas contábeis profissionais, especificamente durante a gravidez e com a maternidade. Isto foi possível, em parte, por meio das respostas de outras mulheres e percepções a respeito das formas de realização, confrontadas com as formas corpóreas ‘reais’ e idealizadas.

Em nossa análise, uma das narrativas é considerada central, até para poupar leitores de circunstâncias que se repetem de forma semelhante para as diferentes narrativas, sendo o ponto focal da discussão. As outras narrativas são pontos de apoio e de complementariedade

para a construção da argumentação. Propositadamente, com o objetivo de mantermos a confidencialidade, apenas informações essenciais sobre as entrevistadas e o momento vivido quando das narrativas foram incluídos no recontar das histórias. Nossa principal preocupação é que sirvam de reflexão para outras mulheres e para homens na academia, ao mesmo tempo que preservamos a identidade das entrevistadas. Para nós, a discussão deve ser mesmo restrita e pontual, dado que a riqueza do recontar de histórias reside na possibilidade de nos servirem de espelhos para que reflitamos, reconstruamos significativamente e moldemos a nossas próprias trajetórias acadêmicas.

Análise e discussão das evidências construídas

A análise discorre sobre cada entrevistada, dividindo a narrativa em episódios, intitulados pelas pesquisadoras em vista da reinterpretação daquele momento vivido, em constante confronto com a literatura. A proposta de estudo de episódios encontra eco na pesquisa de Sauerbronn (2009), que propõe, ao analisar estratégias, que estas assumem diversos significados, podendo existir múltiplos agentes e grupos que interagem entre si ao longo do processo, no que chama de episódios de práticas e em atividades cotidianas, incorporando. Portanto, de acordo com a autora, essa análise adota “a perspectiva da estratégia como uma prática social [...] que avança no sentido de seu estudo como uma ação contextualmente situada” (p. 70). Em nossa análise pretendemos igualmente resignificar ritos e símbolos de uma trajetória acadêmica, desvelando o confronto entre as etapas em que se constitui a carreira e das fases de vida de uma mulher. Esses episódios ganham, portanto, o peso de práticas sociais reiteradas, que têm funcionado para expulsar e excluir mulheres e outros grupos minorizados. Vamos a eles, iniciando a análise e discussão da primeira narrativa, que é a narrativa focal.

Primeira narrativa

A Teoria da Ação e da Influência Fenomenológica, que torna o próprio sujeito objeto de seu fazer, pode ser vista na relação que a nossa primeira entrevistada tem com o seu ser encarnado, em que sua aparência e seu senso de autoimagem estão inter-relacionados. Essa forma de entender a relação referenda a percepção de Haynes (2016) quando considera a contabilidade como uma construção política implicada na perpetuação da desigualdade, isto observado os desafios globais de gênero. O primeiro episódio nessa narrativa é a decisão de iniciar o mestrado.

Primeiro Episódio: Iniciando o mestrado

A primeira entrevistada tem uma carreira bem-sucedida na área contábil. Ela relata desde que iniciou a pós-graduação *stricto sensu* – período que coincidiu com sucessivos casos de gravidez e insucesso nas gestações –, as dificuldades que experimentou nos espaços de trabalho e até entre colegas e amigos, com exceção apenas de um colega que a incentivava a prosseguir.

[Nome do colega] chegou para mim e fez assim: “Agora você vai fazer mestrado” Eu disse assim: “Está bom. Onde eu faço mestrado?” Ele disse assim: “Na [nome de IES]. Onde tem mestrado é na [nome de IES]”. E isso, eu estava recém-casada. E disse assim: “Está bom, eu vou fazer mestrado na [nome de IES]”.

E aí, eu fui participar de um congresso aqui em [nome do Estado], um congresso de contabilidade, e o professor [nome] anunciou o programa [nome do programa] nesse congresso. [...]. Pronto, preparei toda a documentação e levei para o departamento aprovar.

A partir da decisão e da apresentação da documentação para análise em seu departamento, a entrevistada enfrenta uma série de reações de pessoas próximas, de sua

família e círculo profissional. Essas reações constituem-se no segundo episódio, intitulado “Você está maluca!”

Segundo Episódio: Você está maluca!

Eu quase tomei uma surra dos professores que estavam presentes [na reunião do departamento]: “Você é maluca? Como é que vai para [cidade]?”

Um monte de coisa, todo mundo me chamava de maluca. Minhas amigas disseram assim: “Você é maluca? Vai deixar seu marido aqui para ir fazer mestrado lá com um ano de casada?”

Aí, me chamavam de maluca.

Também chama a atenção aqui o fato de que as pessoas de quem se espera apoio se voltaram contra a professora, questionando sua decisão. Interessante destacar também como as pessoas se consideram no direito de chamá-la de “maluca”. A ela e outras mulheres que perseguem com determinação o êxito profissional.

Algumas questões nos chamam a atenção a partir deste episódio: Por que se considera sem juízo alguém (leia-se mulheres) que, atuando na academia, prioriza o aprofundamento dos estudos e a qualificação? Por que se considera sem juízo alguém que entende que o casamento não pode funcionar como uma barreira impeditiva para o crescimento profissional? Por que os colegas – professores - se sentiram confortáveis em ‘partir para cima’ da professora questionando sua decisão? São questões que têm por objetivo promover a reflexão. Ou seja, não cabe deixar aqui uma resposta pronta. A palavra “maluca” contrasta com o sentimento de “abandono” que mulheres docentes utilizam ao descrever sua trajetória acadêmica ao ingressar no mestrado. Nessas histórias contadas por Casa Nova (2016) o abandono da família é considerado um ajuste necessário para haver condição de acompanhar o nível de exigência do curso e cumprir com as obrigações para com o programa. Nas palavras de uma das entrevistadas naquela pesquisa, que reproduziremos, aparece a palavra “abandono”:

E abandonei, porque não tinha outro jeito. Então eu rompi duas barreiras. Essa [de abandonar a família] e a da garra para estudar e para vencer. [Quando eu saía de casa eu sentia] Nossa senhora... Que eu estava indo para um, sei lá, um abatedouro. [...] Então, você foi se vendo obrigada a definir tua vida. Ou você faz mestrado ou você vai cuidar da sua família. Não tem meio-termo. Nesses dois anos e meio, porque teve o nivelamento, literalmente, eu não fui mãe, eu não fui esposa, eu não fui nada. Eu fui aluna.

Essa cobrança social tem relação com o papel social atribuído à mulher, de cuidado com a família e com a casa. Ou seja, à mulher cabe o trabalho afetivo e reprodutivo, doméstico e interno, não remunerado, relacionado ao **matrimônio**; e ao homem cabe o trabalho produtivo, de sustento da família, externo, remunerado e, por conseguinte, relacionado ao **patrimônio**.¹ É a divisão social (e contábil) do trabalho que atende aos princípios da separação e da hierarquização que define que o trabalho do homem é diferente e superior ao trabalho da mulher (Alvarenga, 2008, p. 24).

Retomando o relato de nossa primeira entrevistada, há ainda um detalhe relevante: ela ainda não havia noticiado a gravidez, o que, no geral, torna a leitura da circunstância mais complexa. Talvez porque a sociedade creia que cabe sempre a mulher uma condição de rendição. É a gravidez, ao mesmo tempo do início do mestrado, que desencadeia o terceiro episódio de sua história oral.

¹ A construção dessa argumentação foi feita pela pesquisadora Amara Moira, ao falar sobre carreira e família

Terceiro Episódio: Estou grávida ...

Aí fui lá eu fazer mestrado, na [nome de IES], feliz da vida, porque eu tinha convicção que Deus tinha preparado para mim aquele mestrado. Meu marido ficou aqui e eu fui lá, fazer mestrado. Quando cheguei lá, comecei a estudar e descobri que eu estava grávida.

A entrevistada conta que, ao lado da descoberta da gravidez, dificuldades começaram a se multiplicar. O custo de vida na cidade onde o curso acontecia era elevado, somado ao fato de a remuneração como professora ser “muito ruim”, além do estado, estava grávida – com os hormônios em ebulição – “e sozinha”.

E, nessa época, o salário era muito ruim, mas muito ruim, o salário de professor. Nós não tínhamos bolsa, fomos muito mal recebidos na [nome de IES]. Nós não éramos alunos.

Ainda havia mais um fator complicador: da proposta do curso de pós-graduação constava um sistema chamado de ‘nivelamento’. Assim, somente viria a se tornar aluna do programa, como os demais colegas, as pessoas aprovadas depois de cursado o conjunto de disciplinas desta primeira etapa. Sem vínculo institucional, muitas limitações de acesso impunham ao grupo condições muito difíceis, conforme conta:

Participamos de um curso de nivelamento, inicialmente. Então, nós não tínhamos direito a biblioteca, nós não tínhamos direito a restaurante.

Também não é possível deixar de registrar a possível expectativa de fracasso e o histórico de tentativas de desqualificação sofridas e impostas pelos colegas professores na instituição ofertante da pós-graduação.

Fomos tratados com muita arrogância, os professores muito arrogantes e nem parece que nós éramos colegas deles, professores de universidades públicas. [...] Foi muito difícil o mestrado. Eu fiquei muito traumatizada com o mestrado da [nome de IES], porque eles eram, na época, muito rigorosos e não respeitavam o outro. Então, eles humilhavam demais a gente em sala de aula. Sofremos todo tipo de assédio moral. Porque, na época, não tinha essa expressão, não tínhamos conhecimento a respeito disso. Mas, sofriamos muito assédio moral. Possivelmente, sim. Não usávamos essa expressão e não podíamos falar e nem expressar com liberdade o que nós pensávamos, enfim.

Para a entrevistada, estar em outro estado e, naquela sua pequena revolução, com a notícia da gravidez, provavelmente trazia toda uma carga emocional, fruto também das experiências ocorridas anteriormente. Havia perdido um bebê há pouco. E, de novo estava sozinha, diante de um momento de tamanhas dificuldades. O que viria a se tornar ainda mais penoso, conforme registra.

Foi uma coisa muito difícil para todos nós. E eu, particularmente, porque, meu Deus, eu estou grávida, não tenho plano de saúde, meu marido não está aqui. Então, primeiro filho, como lidar com todas essas coisas? E eu já tinha perdido um bebê. [...]

Guardadas as proporções podemos considerar que, as pressões para um corpo em conformidade, segundo Haynes (2008, p. 338), no caso de uma gravidez, podem representar uma situação ainda mais forte de encarnação de episódios estereotipantes, dado que durante a gravidez uma mulher tem pouca jurisdição sobre a aparência e comportamento do seu corpo, o que pode desmentir a convicção moderna ocidental de que nós possuímos nossos próprios corpos e, portanto, somos capazes de moldá-los em conformidade. Neste caso, as dores e dissabores devem ter sido piores, porque ela havia anteriormente perdido um bebê.

Mas, nesse contexto difícil, o marido toma uma decisão incomum: decidiu pedir demissão e apoiá-la. Deepika Nath (2000) pesquisou a carreira de executivas em organizações locais na Índia. A pesquisa conclui que as mulheres que tiveram carreiras exitosas obtiveram ‘sucesso’ devido à interação de suporte organizacional e familiar, em questões próprias do individual, sendo o apoio de cônjuges fundamental. Este parece ser o caso da entrevistada. Sem o apoio do cônjuge, como mais adiante a entrevistada reconhece, talvez não conseguisse

seguir com seus anseios e histórico de êxito.

Quando meu marido soube que eu estava grávida, disse assim: “Eu vou para aí. Eu vou pedir demissão e vou para aí e a gente se vira.”

No entanto, aos cinco meses a entrevistada perde o bebê. Com isto, somado aos constantes atos de assédio moral sofridos durante a pós-graduação, diante das alterações do corpo com as gestações, é possível que tenha havido uma potencialização de todos os sentimentos, impondo uma carga de sofrimento ainda maior para esta professora.

Aí, com cinco meses, de novo, eu perdi o bebê. Então, foi assim, muito difícil para mim. Enfrentar o frio (devido ao clima local), a perda de mais um filho, [sentindo-me] sozinha para lidar com essa perda. Meu marido trabalhava o dia todo. Às vezes, [eu] ficava em casa o dia todo chorando: “Meu Deus, o que estou fazendo aqui? Os peitos todos inchados, tudo cheio de leite”. E aquilo era lembrança que tem, sabe? Do mestrado.

Mas ela não se deteve, e conseguiu seguir e concluir. Dentro do contexto organizacional, conforme registra Haynes (2008, p. 338) há uma gama de masculinidades e feminilidades que são atribuídos a indivíduos. Isto ocorre simultaneamente à dissimulação dos processos corporais femininos, tais como menstruação, lactação e menopausa, imposições estas dadas a necessidade de estar em conformidade, com a base do corpo disciplinado das organizações, nas quais o corpo masculino é a norma, o que gera conflito. Mas a história prossegue, com o término dos créditos e o retorno para a instituição de vínculo.

Quarto Episódio: Retornando à sua instituição

Mas enfim, graças a Deus, nós superamos. E, depois de quase três anos, voltamos para cá, sem fechar a dissertação.

Nossa entrevistada, então, retorna ao estado no qual residia. Não houve pausa para ajustes. Segue assumindo novos e complexos encargos, apesar das muitas resistências. Na condição de única professora, do corpo docente, em regime de dedicação exclusiva, e a época assumindo a coordenação do curso, e diante do volume de novos conhecimentos, quis rever a matriz curricular do curso, o que fora tornado muito difícil, como relata:

E aí começamos: quando nós voltamos, já assumimos a coordenação do curso. [...]. E eu fui a primeira coordenadora desse curso. E, como coordenadora, por eu ter passado pela [nome de IES em que cursou o mestrado], eu vi que o nosso currículo estava muito ultrapassado. Fui trabalhar, no sentido de fazer todo um estudo, para fazer toda a discussão da matriz curricular, discutir com professores. E eu enfrentei muitas resistências, porque, praticamente, eu era a única mulher do departamento e de dedicação exclusiva. [...]. E, aliado a isso, tinha a minha vida de esposa, recém-casada, praticamente.

E de quem partia a resistência: dos colegas – muitos ex-professores da entrevistada – que sob a tutela da entrevistada, que estava como coordenadora, não aceitavam com tranquilidade as mudanças propostas no colegiado. O episódio seguinte conta como se consolidavam essas resistências.

Quinto Episódio: “Ela me ultrapassou!”

Assim, o que poderia ser motivo de orgulho, parece ser utilizado como motivação para não apoiar. Neste sentido, foram muitas as tentativas de desqualificação, para as quais precisou reagir com pulso firme, como é possível perceber com essa fala:

[...] todos foram meus professores. [...]. Então, não sei na cabeça deles como isso ficava. Mas só sei que alguns discursos eram assim: “Ela me ultrapassou. Era minha aluna e agora já é mestre.” Então: “Ela passou o mestre, a discípula passou o mestre.” Então, esse era o discurso que eu ouvia muito. E eu tive que enfrentar, na coordenação, como tinha acabado de formar a faculdade de ciências contábeis, nós tínhamos que fazer uma matriz curricular com código diferente. Aí todo mundo começou a criticar [...]. Eram muitas coisas que vinham, muitas críticas e nenhuma colaboração. Só vinha crítica, e eu tive que ser um pouco autoritária mesmo, botar o

projeto debaixo do braço e ir para secretaria geral de cursos para implantar toda matriz curricular.

Ou seja, ela precisou se apoiar em características tidas como masculinas, como ser dura, inflexível, para seguir com a necessidade de rever a matriz curricular do curso. Em suas palavras “ser um pouco autoritária mesmo”, em um cenário de “muitas críticas e nenhuma colaboração”. No entanto, como registra a literatura, traços valorizados para homens, como agressividade e autoridade, são desvalorizados em mulheres, que recebem a peja de “duronas”, “damas de ferro”, “inflexíveis”. Ou pior ainda, acumulando preconceitos e estereótipos, de “mal-amadas”.

Lester (2008) estuda a performatividade de gênero no local de trabalho, considerando a socialização de gênero, poder e identidade de mulheres docentes no contexto de acadêmico nos Estados Unidos. Ela descreve a categoria de *heroic workers* que são definidos como trabalhadores que estão sempre disponíveis e que têm a habilidade (e acrescentaríamos a possibilidade) de priorizar o trabalho sobre outras responsabilidades (p. 280). Para a autora, na carreira acadêmica, a imagem do trabalhador ideal não é diferente, pois as mulheres frequentemente citam a pressão para adiar os planos de maternidade ou de abandonar suas aspirações de participar dos cuidados com as crianças para ter condições de obter a efetivação (*tenure*) ou limitam suas buscas por posições a determinadas regiões geográficas por causa de suas responsabilidades parentais (Lester, 2008, p. 281).

Lupu (2012) argumenta, ao estudar a carreira em firmas de auditoria, que a carreira é generificada e que o modelo profissional existente e construído é masculino, resultando em “rotas aprovadas” que são mais adequadas para homens (p.352). Nosso argumento é que a carreira acadêmica na área de contabilidade tem a mesma lógica, resultante de uma construção social semelhante. Nessa carreira masculinizada, os traços profissionais valorizados são decorrentes de um processo socialização profissional que foca em condutas que enfatizam o entendimento que as “profissionais mulheres são menos devotadas à organização que os seus colegas homens” (p. 357). E, no ciclo de vida de uma mulher, a gravidez pode ser reinterpretada como uma concretização dessa falta de compromisso profissional (Lupu, 2012, p. 353). É o que acontece com nossa entrevistada, que se descobre grávida novamente.

Sexto Episódio: Grávida novamente

Ela dá seguimento à sua narrativa: trata agora de uma nova gravidez, durante a coordenação e com o diagnóstico médico complicador. E, devido a isto, mais uma necessidade de afastamento das atividades.

Nesse íterim, que eu estava na coordenação, eu fiquei grávida de novo. E, porque eu já tinha perdido dois bebês, os médicos identificaram que eu tinha [nome da complicação relacionada com gestação]. Aí eu tive que [nome de procedimento médico realizado], e ficar de repouso sete meses. Então, foi também uma coisa complicada. Eu, como coordenadora, me afastar para poder o neném nascer. E depois ficar um período de pós-gestação também em casa. Então, eu fiquei um período grande em casa. E, quem assumiu foi meu vice. [...]

Novas dores, novas angústias e mais pressões. Ainda assim segue e decide por cursar doutorado

Mas depois eu voltei, eu passei quatro anos como coordenadora do curso, e, quando eu voltei, completei o meu mandato e logo já fui me preparando para fazer doutorado.

Sétimo Episódio: Iniciando o doutorado

Novamente aparece uma pessoa incentivando, em meio às contínuas críticas, alegando-se que a entrevistada estaria preterindo a carreira à família.

Porque nós tivemos um colega aqui, que, praticamente, todos os dias ele entrava na

minha sala e dizia assim: “Se você não fizer doutorado, você vai ficar para trás.” Porque eu não queria saber mais de fazer doutorado, nem nada. Eu estava com um bebê pequeno. Imagine se ia pensar em sair daqui, de novo, para pensar e estudar?”

Críticas que não aparecem quando a pretensão parte de homens, ainda que membros e, muitas vezes, chefes de família. Segue com as ações profissionais – exitosas – e o projeto do doutorado. E novamente a resiliência marca a passagem de uma etapa para outra.

Aí ele [o colega que a incentivava] foi todo dia, aquela voz dentro de mim e eu comecei a pedir a Deus que me mostrasse caminhos. E, quando eu terminei a coordenação, eu fui convidada para ser superintendente acadêmica da [nome de universidade pública]. E também para ser coordenadora de um curso de uma faculdade particular.

Eu tinha passado na seleção do doutorado na [nome da área escolhida] [...]. Decidi fazer doutorado. Aí as pessoas mais uma vez: “Você é maluca? Você vai perder o mercado. Quando você voltar, ninguém mais vai querer te dar oportunidade para trabalhar”. Aí eu disse assim: “É, mas eu prefiro correr o risco”. Fui com marido e filha de [idade] anos para lá, para [nome de cidade] fazer o doutorado. Levamos toda a mudança para lá.

Diferentemente do que ocorre na maioria dos casos, a entrevistada encontrou apoio do cônjuge. Mais uma vez o marido a acompanha em sua trajetória, o que deveria ser visto como ‘normal’, vez que, em geral, mulheres seguem seus maridos quando são transferidos de um lugar para outro, atuando na mesma organização ou instituição, ou quando resolvem mudar perseguindo um novo trabalho ou uma melhoria de vida. Assim, feita a análise da situação mais conveniente para família, deveria ceder qualquer um dos cônjuges e não ‘penalizar’ quase sempre as mulheres, como é comum.

Quando nós chegamos lá, foi também muito difícil. Além da mudança, além de filho pequeno, eu passei na seleção para fazer um intercâmbio na [país europeu]. [...] Tinha acabado de depositar as coisas em [nome da cidade]. Minha filha ficou com meu marido e eu levei babá, também. Levei uma babá comigo, e essa experiência na [país] não foi muito interessante, porque minha cabeça não estava lá, estava aqui.

Mas, mais uma vez, havia uma surpresa no aguardo de nossa entrevistada, para além do início do doutorado, de levar a família para outro estado, tendo que enfrentar um período de adaptação, e da aprovação para o intercâmbio em outro país: a descoberta de uma nova gravidez, de risco, em função da idade e do problema que já tinha tido nas outras gravidezes. É essa a temática do oitavo episódio “Grávida e velha”.

Oitavo Episódio: Grávida e velha

[...] aí, quando eu voltei desse processo, começou o ano letivo na [nome da universidade] e mal começou o ano letivo, descobri que eu estava grávida. Aí, pronto. Meu mundo despençou de novo. [...] é interessante, que eu ficava com medo. Eu tinha medo de falar para as pessoas que estava grávida, porque eu já me achava velha, eu estava 38 anos ou 39 anos, alguma coisa assim. Só sei que [nome do filho] nasceu, faltavam três dias para eu fazer 40 anos. Então, eu já me achava velha.

A construção social da inadequação corresponde a fator marcante na vida das mulheres. Existem circunstâncias que são mais marcantes, como o sentir-se ‘velha’. Isto porque há leituras diferentes para homens e mulheres. Para eles corresponde a amadurecer, em alguma medida acurar. Para as mulheres a leitura é de perder a beleza, o frescor. Em um país onde um dos maiores ‘recursos’ é a beleza isto pode ser ‘catastrófico’, pela noção de que neste estágio de vida a mulher está ‘estragada’.

Além das determinações biológicas, também a sociedade impõe que as mulheres tenham filhos. E não só que os tenha, mas quando devem fazê-lo. Constrói-se e propala-se a ideia de que não há como uma mulher ser feliz, caso opte por não ter filho. Com isto, há um período na vida das mulheres que estas se veem sob uma pressão enorme, vez que o atender ao relógio biológico, quase sempre coincide com os avanços na carreira acadêmica. Assim, para as mulheres, o momento de ingresso na carreira e cobrança por resultados, quase sempre

coincide com o melhor momento ou momento limite para gestação com menor complexidade e com intensas cobranças nos ambientes sociais onde circulam. Assim, há marcos que deveriam ser observados. Mas, o corpo da mulher mudou, as ideias que lhes foram impostas, por vezes, foram resignificadas, daí a compreensão de que as mulheres não são obrigadas a serem mães, mesmo porque, a ciência oferece novas possibilidades. As expectativas das pessoas, bem como, a leitura de prioridades mudou. E, talvez, não faça mais sentido algumas verdades construídas.

Eu tinha ido lá para estudar e foi uma coisa que eu não tinha planejado e eu ficava escondendo, não disse para ninguém que eu estava grávida.... Nem para o meu orientador e tal. [...].

Mais uma gravidez. Agora durante o doutorado. Já ciente das limitações que precisaria enfrentar, com o diagnóstico médico anterior, trazia mais angústia a noção da necessidade de afastamento das atividades – que não foi cumprido totalmente. O ‘medo’ veio junto. E, com ele o retardo em iniciar o acompanhamento médico, apesar do risco envolvido.

Aí demorei muito para ir ao médico, começar o pré-natal e tudo. Quando eu fui começar o pré-natal, disse assim: “Você está na última semana para fazer [nome de procedimento médico].” [...]. Ele já me encaminhou para a cirurgia. Aí fui lá, fazer a cirurgia e tal. E ele fez assim: “Olha, repouso absoluto. Só levanta da cama para tomar banho e fazer as necessidades.”

Diante das reações esperadas ao noticiar a condição, nossa entrevistada apostou na ‘necessidade’ de guardar a nova situação em segredo. Também precisou desobedecer às recomendações médicas, o que garantiu que concluísse os créditos, ainda que envolvesse o risco de uma nova perda.

Eu não obedeci. Uma vez por semana eu ia para universidade assistir aula. Cumpri os créditos, pelo menos, os créditos obrigatórios, eu cumpri. Tive uma conversa com meu orientador, ele me deu todo o apoio, foi uma pessoa maravilhosa.

Outra vez é impressionante a condição de ‘dar uma volta’ nas adversidades que se apresentam continuamente na vida da entrevistada. Que, mesmo com os processos que provavelmente envolve muito sofrimento, além de humilhação e desqualificação, como risco eminente da dor de perder mais um bebê, necessidade de mudança de toda a estrutura da família, o risco de “perder espaço profissional”. O relato da entrevistada demonstra a posição de uma pessoa determinada, que não se deixa levar por opiniões e “brincadeiras” maldosas e ou perversas. Uma vez tomada a decisão, segue firme em seu propósito. Característica que pode ser observada em outros relatos de mulheres que ultrapassaram os tetos de vidro, labirintos de cristal, dentre outras barreiras ditas “invisíveis”.

É, então, foi assim... Fiquei mais tranquila, mas mesmo assim, eu tive depressão durante a gravidez; porque eu não podia carregar minha filha e ela reclamava demais; porque eu não levava ela para escola; eu não participava de nada. Meu marido que levava ela para o parque, meu marido que levava ela para festinhas. Então, era coisa assim, muito complicada. Eu não podia fazer enxoval do bebê. Então, tinha que depender das pessoas e eu não tinha parente nenhum lá. Então, foi outra situação, também, muito complicada.

As construções sociais são tão internalizadas e naturalizadas que, mesmo quando a situação está sob controle – como na assunção do pai em dar assistência à filha –, a culpa da mulher por não estar à frente – o que nos é imposto como “funções das mulheres, das mães” – fazem a entrevistada sofrer.

Aí passou, [nome do filho] nasceu. Quando [nome do filho] nasceu, três meses de choro dia e noite. Quase fiquei maluca. Eu costumo dizer que eu não fiquei maluca por causa do meu relacionamento com Deus, e por causa do meu marido, porque foi um homem enviado por Deus. Uma benção de marido. Sustentava ali a barra. Aí, depois disso, graças a Deus eu concluí o doutorado no prazo, com os dois meninos pequenos, eles passavam o dia na creche e eu passava o dia estudando em casa. Quando eles chegavam a casa, de noite, era para arrumar tudo e para o dia seguinte, eles irem para creche. Aí depois, eu terminei o doutorado com quatro anos e quatro meses, certinho. Aí voltamos para cá, com toda a mudança. Começar tudo de novo.

Mas a história de vida segue. Outra vez, o recomeço, que é o nosso próximo episódio.

Nono Episódio: Novo recomeço

É claro que toda essa carga de pressão, inclusive pessoal – vez que não suportava ver-se limitada a não poder fazer as “obrigações de mulher” – resultaria em um reclamar do corpo, que pedia por uma trégua. E, assim, a entrevistada precisou superar problemas emocionais, como conta:

Começar do zero. E aí, já de cara, já peguei quatro disciplinas diferentes. Faltava entregar a versão final da dissertação, da tese, e também, eu tive, além das quatro disciplinas, adaptação de menino pequeno. Minha filha veio para cá com três anos, [nome do outro filho] com sete, e meu marido ficou lá um período. Eu vim sozinha, enfrentar e procurar casa para morar, escola, o semestre começando. Eu quase morri. Mas, graças a Deus, o Senhor foi comigo. Sobrevivi. Um turbilhão de coisas, mas justamente por causa disso, desse lastro espiritual. E também o relacionamento com meu marido. Graças a Deus, superamos tudo. Logo, eu estava...

Para que as mulheres possam idealizar trajetórias profissionais e de carreira com ‘sucesso’ elas precisam contar com uma cadeia de apoio que lhes garanta, sobretudo – observada a estrutura e conjuntura familiar mais usual – o bem-estar de “sua” prole e dos seus pais. No país, este suporte pode vir de diferentes frentes. Mas, em geral, vêm de mães, filhos maiores, avós e de empregadas domésticas e babás – em sua grande maioria pessoa negras e pobres, conforme dados dos institutos oficiais de pesquisa. Pode vir também de aparatos institucionais como: creches, restaurantes populares, lavanderias populares, dentre outros. Esta estrutura aprisiona mulheres em ‘caixas’, a partir principalmente, de estereótipos que demarcam as possibilidades para cada um dos grupos de mulheres, alocadas em suas devidas caixas. E segue-se com esses estereótipos classificativos e quase sempre depreciativos, no caso das mulheres.

Com todas essas dificuldades. E, aí, depois, assumimos o departamento. Assumimos a coordenação do mestrado, sendo a primeira mulher [coordenadora]. Assumi a coordenação do programa de pós-graduação.

E assim, eu costumo dizer que Deus tem um propósito na minha vida. Eu não tenho dúvida a respeito disso. O período que eu voltei que estava essa hostilidade, Deus abriu a porta para eu trabalhar na faculdade, que tinha me convidado antes de ir para o doutorado para ser coordenadora. Quando eu voltei, me convidaram para ser coordenadora. Quer dizer, foi guardado o meu... Então, eu passei um ano e meio nessa faculdade. Aprendi um monte de coisa, que eu trouxe para cá. E saí porque meus filhos reclamavam que eu trabalhava demais. Me imploravam para eu parar de trabalhar muito, porque eu trabalhava de manhã, tarde e noite, os três turnos. E aí eu decidi [parar].

Nosso próximo e último episódio trata da invisibilidade e tem relação com o trabalho efetivado por nossa entrevistada para o credenciamento do curso de mestrado do qual, mais tarde, se tornou coordenadora. Vamos a ele e ao final de nossa novela acadêmica, que é a história de uma, mas representa a história de tantas.

Décimo Episódio: Invisibilidade

Apesar ou mesmo diante do volume de trabalho atribuído ou assumido pelas mulheres, a invisibilização, o não reconhecimento, dentre outras formas de negação de valores, as perseguem. Esse é o caminho reservado, tantas vezes, às mulheres que resolvem fazer acontecer. Uma vez que consigam destaque profissional ou pessoal por seus feitos, na quase totalidade dos casos, os créditos são suprimidos, muitas vezes, sem ressalvas. Esse é o relato de nossa entrevistada.

Quando eu decidi parar de trabalhar na [nome de faculdade], eu chamei para mim, a responsabilidade do projeto pedagógico do mestrado, que já tinha sido submetido umas três vezes e não tinha sido aprovado. [...]. Conversei com [nome da colega],

convidei [a colega] para fazer uma palestra aqui, e eu tive a conversa assim, de pé de ouvido com ela: “O que a gente precisa fazer?” Ela foi: “Você precisa fazer isso”. E me deu todos os caminhos. Aí eu liguei, nessa época, para o professor [nome do professor], era diretor e [nome do coordenador], estava coordenando esse processo de submissão há três anos do projeto e não era aprovado. Aí eu liguei para o professor [diretor], isso é uma véspera de um feriado e a faculdade ia estar fechada. Porque era eleição. Então, fechava na quinta ou na sexta, e só entregava na segunda. E eu tive com [nome da colega] na quinta, e ela falou assim: “Você precisa entregar esse projeto na terça, lá em Brasília”. Aí, eu liguei para [diretor] e ele fez assim... Passei toda a conversa que tive com [nome da colega] portelefone, para ele, e o que nós precisávamos fazer. Eu disse: “Vamos nos reunir, em qualquer lugar, no shopping, e a gente trabalha no projeto”. Aí ele ligou para [coordenador] e ele fez assim: “Não tem condição, porque eu recebi a carta da CAPES apontando as melhorias que o projeto precisa ter e é muita coisa, a gente não vai dar conta.” Aí [diretor] me ligou e me disse isso. Eu disse assim: “[Diretor], peça para o professor [coordenador] que mande para mim, por e-mail essa carta que ele recebeu da CAPES, que eu vou trabalhar no projeto.” Eu passei o final de semana inteiro trabalhando em cima da carta, em responder às demandas da carta e em conformidade com que [nome da colega] tinha me falado. Cheguei aqui, na segunda-feira, eu disse: “Professor [diretor], aqui que eu dei conta de fazer no fim de semana. Precisa melhorar as referências bibliográficas e alinhar alguma outra coisa que vocês criticaram o que eu fiz. Eu fiz de acordo com a orientação de [nome da colega]”. Aí, ele ligou para o professor [coordenador], para ele vir para cá e reunir todos os professores que estavam como componentes do mestrado. O professor [coordenador] respondeu que não ia não, porque ele estava com o irmão dele, que tinha vindo passar uns dias com ele, e ele não podia, só podia vir de tarde. De tarde, nós reunimos o colegiado, aprovamos aquele projeto que nós tínhamos feito e decidiu-se que eu ia para Brasília levar o projeto no dia seguinte. Terminamos de melhorar o projeto. E quando foi 6 horas da manhã, estava eu, pegando o avião para ir para Brasília. Aí fomos conversando com [nome da colega] lá, ela estava lá em Brasília, com professor [nome de outro colega] que fazia parte da equipe do comitê técnico. Aí, ele fez uma série de perguntas, e eu fui respondendo às perguntas dele. Entreguei. Umas dez horas estava eu, de volta, tomando o voo de volta para [nome da cidade]. Foi essa a história. E se você for perguntar: “Quem foi responsável em implantar o mestrado? O Professor [coordenador]”.

Foi assim que as contribuições das mulheres na história foram apagadas. Lehman (2012, p. 277) resgata a afirmação feminista famosa “que o pessoal é político” para argumentar sobre o contexto econômico e político age para produzir tais desigualdades. Para Lehman (2012), a política econômica e a política social estão intimamente ligadas, daí a necessidade de mudar a condição para mulheres, o que se aplica igualmente para perspectivas das contribuições contábeis, com o desenvolvimento de métodos que deem visibilidade, utilizando novos conceitos para revelar aquilo que tem sido silenciado, como conceitos de valores, valorização do trabalho, risco e poder. Lembra que este olhar corresponde à uma inovação plausível para que se possa reformular os conceitos de direitos das mulheres.

Com este relato nossa entrevistada finaliza sua participação na pesquisa. Um relato que corresponde a um exemplo de ‘teto de vidro’, quando se observa, por exemplo, como o acesso ao projeto – que não se conseguia aprovação – fora dificultado. O projeto fora ajustado e pré-aprovado, ainda foi difícil finalizar os ajustes. Qual seria então a justificativa para as ações dificultadoras dos atos seguintes? Faltava motivação e, portanto, contribuição. No entanto, depois do projeto aprovado, todo “o crédito é dado um homem”. Todo o trabalho empreendido – em tempo recorde e abnegação – para almejar aprovação fora invisibilizado. As experiências dessa entrevistada demonstram – contrariando as muitas falas correntes e utilizadas como justificativas no mercado de trabalho para excluir – que a maternidade não precisa necessariamente afastar a mulher de postos de trabalho. Com os devidos ajustes e apoio, é possível seguir carreira, como ocorreu. Como mencionado anteriormente, a determinação, que também pode ser lida como resiliência e resistência, é algo muito presente

na vida das pessoas que conseguiram alcançar seus objetivos.

Segunda narrativa

No segundo relato colhido para a pesquisa, de outra acadêmica em contabilidade, revelam-se as dificuldades que fizeram com que para a conclusão pós-graduação *stricto sensu* fosse demandado mais tempo que as demais pessoas, os colegas, com quem dividia a jornada.

Primeiro Episódio: Tartaruga manca

Na vida pessoal o ritmo não foi mais lento: o casamento, a mudança para o interior, a gravidez de risco, o nascimento prematuro de meu filho. Eram muitas as emoções. Conclui o mestrado em [ano] levando quase 70 meses, ou seja, seis anos. Os colegas que concluíram no menor tempo levaram quase quatro anos. De qualquer forma, eu já começava a sentir que minha carreira avançava a passos de tartaruga manca.

Assim como no primeiro relato, o apoio de uma pessoa, em um momento difícil da carreira, foi essencial. No caso da primeira entrevistada foram dois apoiadores, um colega e o marido. Nesse segundo relato, foi o orientador do pós-doutorado, que excedeu o papel de orientador acadêmico, para ser um mentor na vida.

Não foi fácil ver a escola passar por esse período, testemunhá-lo. Mas foi muito importante trilhar uma parte do caminho com o professor [nome do orientador]. Ajudou a curar algumas feridas, algo que uma palavra em inglês reflete como nenhuma outra em português: healing. É dele a frase a que sempre recorro quando procuro dar conforto a alguém que precisa: “A vida traz suas compensações.”

Segundo Episódio: Banheiros femininos na contabilidade

E, ao se descobrir grávida, recebe apoio desse mesmo orientador. Em sua reflexão, enfatiza como a vida familiar e a vida acadêmica se interpuseram e intercalaram em diversos momentos da trajetória. E reforça o ritmo peculiar da vida de uma mulher, quando comparada à carreira de um homem: a imagem que tem como recorrente é a de uma tartaruga manca.

Foi isso que ele me disse quando me descobri grávida da [nome da filha], meu presente. Foi isso que eu pensei quando ele me disse que teria uma neta. É, a vida traz as suas compensações.

Terminei o pós-doutorado em [ano], após ganhar [nome da filha] em [mês] de [ano]. Na dissertação, um filho. Na tese, uma filha. No pós-doutorado, outra filha. E uma carreira que andava a passos de tartaruga manca.

Quando falo em tartaruga manca pode parecer exagero. Mas se eu fizer uma comparação com a carreira de meus colegas, a tartaruga será manca de duas patas. Se eu comparar com planos que fiz para minha carreira, estimulada pelos muitos processos de consulta aos docentes para planejamento estratégico que tivemos em nosso departamento, portanto comparando-me a minhas próprias expectativas de carreira, a tartaruga continua manca.

É que, mesmo quando eu planejava, esquecia-me, invariavelmente, de que eram poucos os banheiros femininos na carreira acadêmica e, às vezes, permaneciam trancados. Os ritos e os direcionadores estão todos ligados à indicadores de produtividade bem mais difíceis de serem alcançados por mulheres. Se não houver um ambiente de cooperação e colaboração, que só vim conhecer mais tarde na minha carreira, fica praticamente impossível. Falhar se torna uma profecia autorrealizadora. E o “sucesso” só vem à custa de muito sacrifício, pessoal e familiar. Ou um “sucesso” com uma acepção muito particular, que comporta muitos fracassos em outras dimensões que não a profissional.

Terceiro episódio: Cisões de gênero?

O terceiro episódio relata a vivência e (sobre)vivência a um contexto de mudança enquanto ocupava um cargo administrativo: a coordenação de um programa de pós-graduação.

O programa, tendo em vista esse cenário, passou pelo redesenho de sua estrutura. O processo de discussão do redesenho foi intenso e houve resistências e rachaduras. Por mais que eu tente relacionar as resistências e cisões à própria natureza do processo, às vezes tenho a sensação de que existe relação com o fato de ser a primeira mulher na coordenação. Mas está aí algo difícil de se encontrar evidências concretas, para negar ou confirmar.

Esse episódio encontra ressonância com o relato, na primeira narrativa, da oposição vivenciada ao ocupar a coordenação de graduação e ter que implementar as mudanças necessárias no currículo do curso. Se a mudança é feita com firmeza e determinação, mas coordenada por uma mulher, remete à dureza e agressividade; se é feita por um homem, à assertividade. Para onde correr?

Quarto episódio: Perdas e Ganhos

Nossa entrevistada segue detalhando os ganhos e perdas de decidir se dedicar a um tema marginal em contabilidade: gênero. Vamos inicialmente analisar as perdas ao nos determos na narrativa de sua participação em um concurso de ascensão na carreira e de como essa decisão, de pesquisar gênero, foi interpretada pela banca:

Pausa para respirar terminada, é preciso dizer que a minha prova [...] foi pautada no tema que concentrava minhas ações, atividades e estudo no período mais recente [...]. Para mim, era coerente que eu o fizesse [...]. Aqui está o ponto, que quero refletir. Uma pessoa que assistia à prova [...], depois me mandou as anotações que fez sobre a experiência. Vou colocá-las aqui, da forma como me foram enviadas:

*Contraponto? Ou soma de esforços...
O gênero divide ou acrescenta?
O gênero é limite?
Queda de procura pelo curso por mulheres.
Mulheres cada vez mais independentes representam um público que não pode ser ignorado.
Análise de pessoas como números equaliza desigualdades?
Gênero = Medo, cuidado, receio, risco.
A contabilidade como ferramenta de melhoria social.
O ensino precisa refletir e entender os movimentos sociais?*

Não vou mais me deter em comentar sobre o concurso. Apenas concluo que foi uma experiência única de aprendizado. Poderia me deter sob diferentes perspectivas e pontos de vista. Todos seriam muito pessoais e parciais. Mas apenas ressalto duas das reflexões enviadas por essa pessoa, uma na forma afirmativa e outra, interrogativa: “A contabilidade como ferramenta de melhoria social.” e “O ensino precisa refletir e entender os movimentos sociais?” Ainda hoje, quando penso novamente nessas reflexões, concluo que precisamos (re)fundar o ramo de estudo da contabilidade humana e retomar o caráter que a contabilidade tem de ser, sobretudo, uma prática social.

Ao mesmo tempo que relata a experiência do concurso, sua narrativa dá conta de como tratar desse tema tem sido rico e recompensador para sua experiência como pesquisadora e professora, ou seja, dos ganhos que tem tido ao abordar essa temática.

Minha pesquisa e minha atuação profissional têm me dado esse privilégio de conviver e colaborar com mulheres que fazem acontecer, acadêmicas e profissionais ativas e realizadoras, em diversos países e regiões do mundo.

E termina, refletindo sobre o futuro, reenfatizando seu compromisso de perseguir essa temática, apesar dos pesares, em busca de uma pesquisa que seja socialmente engajada e que traga impactos.

Pretendo, mais do que tudo, sulevar ações e buscar possibilidades de abrir caminhos e ampliar vias de acesso, nessa nossa missão de identificar, nutrir e fazer florescerem talentos humanos. Quero ainda deixar uma mensagem, considerando minha vivência e as histórias compartilhadas pelas estudantes e professoras que entrevistei e sigo entrevistando, somadas agora a essas mulheres empreendedoras, de diversas áreas, setores e regiões do mundo. Parece-me que a academia, as empresas, as instituições

podem se beneficiar de uma avaliação mais inclusiva das conquistas sejam elas acadêmicas, econômicas ou sociais. O ambiente e o clima organizacional podem evoluir para incentivar e garantir a participação de todos.

Termina confidenciando o seu desejo de que essa seja a fundação de uma perspectiva humana de pesquisa em contabilidade. Reflete que como há a “geografia humana” como área de estudo, poderíamos ter a “contabilidade humana”. E, nesse ponto, encerramos essa narrativa e iniciamos a análise da terceira história oral.

Terceira narrativa

Já a nossa terceira história oral reitera as dificuldades mencionadas nos recortes do *corpus* anteriores e aponta como mesmo mulheres acabam por reproduzir atitudes machistas que funcionam como barreiras na vida acadêmica e profissional.

Primeiro Episódio: Reprodução do sexismo

Quando escrevia o segundo capítulo da dissertação, surpreendentemente, me descobri grávida. Digo que recebi com surpresa, pois, o veredicto médico dava conta de que necessitaríamos de tratamento específico e até cirúrgico, eu e - a época - meu marido, se quisesse engravidar.

E a narrativa segue relatando os problemas decorrentes de uma gravidez com complicações. Ou seja, novamente, o que seria recebido com alegria e deveria contar com o apoio de normas, procedimentos e pessoas, torna-se um problema, um desacerto, uma inconformidade.

Tive muitos percalços durante a gravidez. Enjoei até o momento do parto. Nada ficava no organismo. Não suportava sentir qualquer cheiro. E, ao final, tive pré-eclâmpsia. Meus relatórios médicos foram sumariamente recusados pela coordenadora do Programa. O ponto alto em termos de falta de humanidade fora a entrega da dissertação. Fiz uma barriga imensa. Meus pés incharam a tal ponto que dificultavam a movimentação, o ficar sentada. E, portanto, não conseguia escrever.

E a reprodução do sexismo se dá pela reação de uma outra mulher aos problemas enfrentados durante a gravidez. O que atualmente está nos regulamentos dos programas de pós-graduação, considerado nas normas das bolsas concedidas pelas agências de fomento à pesquisa, foi sumariamente recusado, em uma evocação incorreta de uma “situação especial”, e no esquecimento de que a equidade, necessariamente, precisa contemplar as diferenças. Esse contexto leva ao nosso segundo episódio: “Sem saída!”

Segundo Episódio: Sem saída!

Mas, no entanto, ao recorrer ao abrigo das normas para solicitar a prorrogação de prazo, enfrenta a contrariedade da coordenadora do curso, também uma mulher, que indica a desistência como única possibilidade de lidar com a situação.

Observada a normatização, quando faltavam duas semanas para a data de entrega, fui a obstetra peguei um novo relatório e encaminhei - acompanhado dos exames comprobatórios - ao programa solicitando prorrogação de prazo. Ao recepcionar a documentação a coordenadora da pós[-graduação] comentou publicamente: “Finge estar grávida para não cumprir os prazos”. É isso mesmo, ela disse finge estar grávida! E complementou: “Vou encaminhar a documentação para apreciação do conselho, mas, aconselho-a a desistir neste momento da pós-graduação”. Ato seguinte recebi um retorno negando o pleito.

Aqui retoma-se à resiliência presente no relato de nossa primeira entrevistada para seguir com a pós-graduação. Assim, ao ver-se sem saída, a saída encontrada é montar um “quartel general da resistência”, como será relatado em nosso terceiro episódio.

Terceiro Episódio: Quartel general da resistência.

Dada a impossibilidade de conseguir a prorrogação e a negativa pessoal em desistir do curso, o relato mostra novamente a persistência como o elemento diferenciador para que fosse possível concluir o mestrado. Afinal, até aquele ponto a entrevistada suportou muita dificuldade financeira e falta de apoio entre colegas para seguir. Viajava mais de 100 quilômetros dirigindo por semana e enfrentou acomodações em condições ruins para realizar o curso. Despesas que custeou até o penúltimo ano.

Diante de tal situação e, da certeza que não poderia 'jogar no lixo' tamanha dedicação, montei um 'quartel general' no meu quarto/escritório. Contratei uma pessoa para digitar e outra para transcrever o que faltava das entrevistas e providenciar toda sorte de necessidades externas. Entreguei a dissertação no prazo regulamentar e, qual não foi a minha surpresa quando soube que a coordenadora do Programa não queria aceitar os volumes sob a argumentação de que: "Se há 15 dias atrás disse não ter condições de dar conta do texto, como agora o fazia?" Portanto, questionando a autoria do trabalho. Durante todo esse período insistia - via e-mail - que desistisse do curso.

A conclusão que eu e outros colegas fizemos sobre essa passagem foi que: ela e meu orientador tinham divergências. Como não encontrava meios de atingi-lo, o fazia através do meu sofrimento. Na turma seguinte uma outra colega passou por situação semelhante. O meu orientador, um profissional competente e responsável, optou por se afastar do Programa. Logo depois ingressou em um Programa de uma instituição federal.

Como é possível observar, o estado do corpo inconforme quase jogou por terra três anos de muito sofrimento e dedicação. A entrevistada enfrentou cobranças do cônjuge, de familiares, de colegas de trabalho e travou uma verdadeira luta contra um conjunto de pares que além de desrespeitar a legislação, foram desumanos. A resiliência, a resistência e mais o apoio do orientador fez com que essa mulher seguisse e conseguisse defender sua dissertação. Sem a ajuda, talvez a resiliência não conseguisse dar conta de vencer as injustiças.

Considerações finais

Silva (2016) conclui que cabe aos investigadores em contabilidade trazer à tona visões e posições discriminatórias, fruto da reprodução de estereótipos excludentes. Para tanto, é preciso buscar novos paradigmas de pesquisa em contabilidade. Com o alargamento da forma de coletar, tratar, interpretar e construir evidências é possível aprofundar no entendimento das questões comportamentais que estão representadas nos números e por trás dos números, buscando os motivos e motivações, as vivências, experiências e suas representações. Esperamos que isso tenha ficado claro com a exemplificação ofertada nesse texto, da pesquisa sobre corpos na contabilidade. Como nos alerta Lehman (2016), citando Cameron (1963): *"Not everything that can be counted counts, and not everything that counts can be counted."*

No exemplo em questão, cremos ser possível – com a ampla discussão dessa temática – promover a reconfiguração dos significados do corpo da mulher e as percepções e imposições sobre estes corpos. Trouxemos à consciência estas desigualdades, partindo desde as razões e motivações que orientam os estudos de gênero, com a revelação de preconceitos, que estão, conforme afirma Lehman (2012), profundamente enraizados nos discursos e práticas profissionais. Com isto, o esperado é que se criem condições para transformar nossa realidade, oportunizando a plural igualdade de condições e, portanto, equidade.

Guardadas as proporções podemos considerar que, há pressões para um corpo em conformidade. Segundo Haynes (2008, p. 338), *"pregnancy represents a particular embodied episode, during which a woman has little jurisdiction over her body's appearance and demeanour, and which belies the modern Western conviction that we possess our own bodies and are able to mould them accordingly."*

Assim, uma gravidez pode representar uma situação ainda mais forte de encarnação de

episódios estereotipantes, dado que durante a gravidez uma mulher tem pouca jurisdição sobre a aparência e comportamento do seu corpo, o que pode desmentir a convicção moderna ocidental de que nós possuímos nossos próprios corpos e, portanto, somos capazes de moldá-los em conformidade.

Os relatos de vida aqui são um recorte do que ocorre na sociedade brasileira, na qual mulheres têm suas vidas paralisadas. As oportunidades, por vezes, lhes são retiradas até de forma cruel, conforme foi exemplificado por todo o texto. Mas, existem pessoas que conseguem fazer diferente, se levantar frente a cada um dos obstáculos erguidos, uma vez feridas, fazem os ‘curativos’ necessários e seguem. Ou como cantou Vanzolini, com a devida liberdade poética e na voz de Elza Soares:

*Mulher de moral, não fica no chão.
Nem quer que ninguém lhe venha dar a mão.
Reconhece a queda mas não desanima.
O que é que faz?
Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima.*

Assim, a partir desta reflexão esperamos que possam ser (re)vistas novas formas de percepção e cobranças destas profissionais, bem como, de autoexpressão e empoderamento para as mulheres em geral. Para Lehman (2012), a política econômica e a política social estão intimamente ligadas, daí a necessidade de mudar a condição para mulheres, o que se aplica igualmente para perspectivas das contribuições contábeis, com o desenvolvimento de métodos que lhes deem visibilidade, utilizando novos conceitos para revelar aquilo que tem sido silenciado, como conceitos de valores, valorização do trabalho, risco e poder.

Um dos valores da realização deste estudo está na possibilidade de identificação de futuras oportunidades de pesquisa em torno da contabilidade de gênero. As organizações e os países estarão melhores se tiverem uma boa representação das mulheres em todos os níveis organizacionais e em todas as esferas da vida, o que implica em atentar e valorar diferentes representações sociais como importantes.

É preciso ressaltar ainda que, este texto oferece mais de uma contribuição ao campo contábil, vez que demonstra uma perspectiva ontológica de escrita diferenciada. Nesses termos, se conforma dentre as epistemologias metodológicas qualitativas inovadoras. Em especial, dada a forma de coleta e tratamento do *corpus*, com foco em narrativas pessoais e estruturadas em episódios. Ao final, para as leitoras e os leitores, esperamos que o estudo proporcione melhores condições para conhecimento do “Ser”, que repouse a pesquisa em contabilidade, em diferentes oportunidades de visão de mundo. Sobretudo, possibilidade de verificar como a contabilidade pode contribuir para um mundo mais igualitário e justo. Contamos com isso!

Referências

- Alvarenga, C. F. (2008). *Relações de gênero e trabalho docente: jornadas e ritmos no cotidiano de professoras e professores*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Brasil.
- Bourdieu, P. (1984). *Distinction: A social critique of the judgement of taste*. London: Routledge.
- Bourdieu, P. (1981). Men and machines in Advances. In K. Knorr-Cetina & A. Cicourel (Eds.), *Social theory and methodology*. London: RKP.
- Butler, Judith. (2008). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Casa Nova, Silvia P. C. (2014) *Contabilidade das mulheres na universidade brasileira: lucros e perdas, ingresso e permanência*. Tese de Livre-Docência. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, Brasil.

- Casa Nova, Silvia P. C. (2016). *With a Little Help from my Friends: Barreiras e Impulsionadores para a Inserção de Mulheres na Academia Brasileira de Contabilidade*. Trabalho apresentado no X Congresso ANPCONT, Ribeirão Preto.
- Dale, K. (2001). *Anatomising embodiment and organization theory*. New York: Palgrave.
- Deepika Nath (2000). Gently shattering the glass ceiling: experiences of Indian women managers. *Women in Management Review*, 15(1), 44-52, <https://doi.org/10.1108/09649420010310191>
- Dale, K. (2001). *Anatomising embodiment and organization theory*. New York: Palgrave.
- Giddens, A. (1991). *Modernidade e identidade própria*. Cambridge: Polity Press.
- Haynes, K. (2016). Accounting as gendering and gendered: A review of 25 years of critical accounting research on gender. *Critical Perspectives on Accounting* 43, 110-124. Recuperado em 24 de abril de 2017, de: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1045235416300272>
- Haynes, K. (2008). (Re)figuring Accounting and Maternal Bodies: The Gendered Embodiment of Accounting Professionals. *Accounting, Organizations and Society*, 33(4-5): 328 - 348. Recuperado em 04 de março de 2015, de: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0361368207000396>.
- Kerfoot, D. (1999). Body work: Estrangement, disembodiment and the organisational 'other'. In J. Hassard, R. Holliday, & H. Willmott (Eds.), *Body and organization*. London: Sage.
- Lehman, C. R. (2012). We've come a long way! Maybe! Re-imagining gender and accounting. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 25, 256-294.
- Lehman, C. R. (2016). Qualitative Accounting Research as Remedy in an Era of 'Big Data'. *Working paper apresentado no 2º Congresso UnB de Contabilidade e Governança*, Brasília, novembro 23- 25.
- Lester, J. (2008). Performing gender in the workplace: Gender socialization, power, and identity among women faculty members. *Community College Review*, 35(4), 277-305.
- Lupu, I. (2012). Approved routes and alternative paths: The construction of women's careers in large accounting firms. Evidence from the French Big Four. *Critical Perspectives on Accounting*, 23(4), 351-369.
- Sauerbronn, F. F. (2009). *Co-determinação e não-ação em estratégia de responsabilidade social*. Tese de Doutorado, Centro de Formação Acadêmica e de Pesquisa, Escola Brasileira De Administração Pública e de Empresas (EBAPE), Rio de Janeiro.
- Shilling, C. (1993). *O corpo e a teoria social*. London: Sage.
- Silva, S. M. C. (2016). *Tetos de vitrais: gênero e raça na contabilidade no Brasil*. Tese de Doutorado, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado em 20 de jan. de 2017. <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12136/tde-03082016-111152/>
- Silverman, D. (2009). *Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, texto e interações* (M. F. Lopes, trad.) Porto Alegre: Artmed.
- Stolke, V. (2006). O enigma das interseções: classe, "raça", sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. *Estudos feministas*, 14(1), 15-42.
- Turner, B. (1991). Recent developments in the theory of the body. In M. Featherstone, M. Hepworth, & B. Turner. In: M. Featherstone, M. Hepworth, e B. Turner (Eds.). (Eds.), *The body: Social process and cultural theory*. London: Sage.